

..... 1 2 3 4 5 6 7

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20

APRESENTAÇÃO À VERSÃO PRELIMINAR DO VOL. 3: AMAPÁ/NORTE DO PARÁ

CEDI - P. I. B.  
DATA 21 07 86  
COD. 00 - D 72

Um volume dividido em duas partes

A primeira redação do volume 3 da série POVOS INDIGENAS NO BRASIL, e que acompanha este texto também provisório, foi escrita por Dominique Gallois com base na sua experiência de campo e estudos históricos sobre a região e a colaboração de várias pessoas a serem devidamente caracterizadas na versão final. Coube ao Luiz Roncari, editor de texto, tornar a redação clara e correta, para o público preferencial a que se destina. A equipe de edição do CEDI, através de incontáveis encontros, fez pesquisas de apoio, contatos entre colaboradores e garantiu uma tiragem de 17 exemplares do texto integral na versão preliminar para discussão (i.é: datilografia, revisão, cópia e montagem)

A versão preliminar acabou saindo com um total de 610 laudas (datilografadas em papel de 20 linhas, 50 toques de máquina por linha), fora os mapas, gráficos, croquis e fotografias e bibliografia geral. Isto quer dizer, o dobro do volume JAVARI.

O texto está dividido em duas partes, correspondentes a duas regiões bem distintas dentro da ÁREA do ponto de vista ecológico e, portanto, no tipo de exploração do meio ambiente e sobretudo do ponto de vista da situação de contato, intertribal e inter-étnico. Na parte leste da ÁREA temos uma região de várzea (bacia do rio Uaçá e baixo curso do rio Oiapoque) e, na parte oeste, uma região de terra firme, compreendida entre os rios Araguari e Nhamundã. Por isso, achamos importante separar o volume em duas partes, estendendo aos mapas de referência geral e à introdução histórica essa mesma divisão, esperando com isso tornar mais evidente a realidade de cada uma dessas regiões.

A primeira parte (com 198 laudas) relativa ao Amapá, compreende os capítulos sobre os povos Karipuna, Palikur, Galibi-Marworno e Galibi. A segunda parte (com 412 laudas) trata do Noroeste do Amapá e Norte do Pará, integrado os capítulos sobre os povos Waiápi, Apalai, Wayana-Apalai, Tiriyô, Kaxuyana, Índios do Mapuera (incluindo os povos Wai-Wai, Mawayana, Katuena, Karakawiana, Xereu) e Índios do Nhamundã (Hxkaryana, Wai-Wai)

Sobre a Introdução Geral

Nesta versão preliminar está faltando a introdução geral ao volume, aparecendo os capítulos como unidades isoladas, sem estabelecer as relações existentes entre eles. A unidade do volume - sempre tendo em vista a diferenciação das duas regiões citadas - será dada através dessa introdução, ainda a ser escrita depois do processo de dis




..... 1 ..... 2 ..... 3 ..... 4 ..... 5 ..... 6 ..... 7

cussão dessa versão preliminar com um conjunto de colaboradores que conhecem a Área e consultores por tema.

1 Para adiantar a conversa, houve uma discussão no CEDI entre Dominique, Lúcia Hussak Van Velthem, Alfredo Wagner e a equipe de edição, para elaborar uma proposta de  
2 pauta a desenvolver, cujo resultado é o seguinte:

3 (1) História da Área, em função dos ciclos econômicos ("drogas do sertão", borracha, castanha, garimpagem, pecuária, grandes projetos, estradas) ou das "fases" da história  
4 econômica da Amazônia (extrativa, camponesa e capitalista), combinando-se essas fases com os tipos específicos de contato entre os índios e a população regional. Para essa his  
5 tória da ÁREA, sugere-se a seguinte periodização:

6 - séculos 17 e 18: a região interiorana, de terra firme, continua isolada; disputas de domínio entre portugueses e outras nações europeias na faixa litorânea, com descimen  
7 tos, aldeamentos e extinção da população indígena local.

8 - século 19, até 1940: explorações científicas e de reconhecimento no curso alto dos rios; ciclo das drogas, borracha, balata e ouro.

9 - de 1940 a 1973: início de grandes empreendimentos (ex.: ICOMI), pesquisas mine-  
10 rais (CPRM) e RADAM; estrativismo mineral nas áreas indígenas; todos os grupos da região são contatados.

11 - de 1973 a 1982: desenvolvimento acelerado; Polo Trombetas, Jari Florestal, estr  
12 adas (BR-210 e BR-156), intervenção do Estado (GEBAM).

13 - o futuro: projetos do governo e "fechamento da fronteira"; mapeamento da área, colonização espontânea, projetos governamentais e o que "sobra" para os índios.

14 (2) Na descrição deste períodos, enfoca-se também uma série de tópicos mais representa-  
15 tivos da situação dos indígenas da Área:

16 - a fronteira Brasil-Guianas: o que ela representa e como é manipulada nos diver  
17 sos períodos;

18 - a representação do território

19 - a reação dos índios à penetração das frentes, e

20 - as formas de mobilização da mão-de-obra

Por outro lado, a introdução geral comportaria alguns "box" sobre aspectos tratados ao longo de todos ou de vários capítulos do volume e que, portanto, precisam ser esclarecidos desde o começo, como:

- os negros refugiados das Guianas (Francesa e Suriname) e do Trombetas; histó-  
ria da formação desses "quilombos" e relações com os povos indígenas; e

- a Perimetral Norte (aí poder-se-á relacionar este volume com outros que tratam de regiões afetadas também pela Perimetral).


..... 1 ..... 2 ..... 3 ..... 4 ..... 5 ..... 6 ..... 7 .....

Sobre os capítulos

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20

Em primeiro lugar, os capítulos foram redigidos a partir de informações e fontes muito desiguais, faltando em muitos casos, real "vivência" ou conhecimento in loco da situação atual. Assim, para certos povos existe boa informação histórica e praticamente nada sobre a situação atual. Por exemplo, o capítulo 5 da primeira parte, sobre os Galibi do Oiapoque, para os quais a ficha-padrão é insuficiente para retratar o atual modo de vida desses índios. Idem para os capítulos 11 e 12 (na segunda parte). Para os demais existem informações relativamente completas sobre o atual modo de vida e, em base nisto, reduziu-se a descrição da história do contato, ao que pareceu importante para a compreensão da situação atual, como no caso do capítulo 9, sobre os Tyriyõ.

Coloca-se então a seguinte pergunta: quando não há muita informação atual, valeria a pena compensá-la por uma informação histórica mais completa? Ou correria-se o risco de dar um enfoque diferente aos capítulos, comprometendo a unidade do volume e a realidade da ÁREA?

Por outro lado, a falta de informações é um dado importante, desde que, nesta ÁREA, há pouquíssimas pesquisas etnológicas em andamento, assim como também são recentes as preocupações indigenistas. As áreas indígenas melhor documentadas, ainda que em determinadas esferas, seriam: a dos Waiãpi e dos Wayana-Aparai, no que diz respeito à parte histórica, à organização territorial e forma de adaptação ao meio, desenvolvida por estes grupos; a dos Tiriyo, para os efeitos da "frente missionária" e decorrentes processos de mudança; a região do Uaçá, para as modalidades de assistência.

A descrição do modo de vida dos povos desta ÁREA reflete também o tipo de pesquisas ali realizadas, predominando na bibliografia estudos sobre a cultura material, "aculturação" e organização territorial. Pouquíssimos trabalhos abordaram sistematicamente o estudo da organização social deste índios.

Sendo característicos dessa ÁREA os processos de fusão entre povos e a recente paralização do trânsito entre territórios e aldeias, ocorre que em muitas regiões estão concentrados povos diferentes ou, ao contrário, certos povos estão separados e isolados em áreas diferentes. No primeiro caso, preferiu-se dar enfoque à região geográfica: "Índios do Mapuera" e "Índios do Nhamundá". No segundo caso, juntou-se num único capítulo sub-grupos de um mesmo povo dividido em duas áreas, como é o caso dos Kaxuyana. Isto porque os Kaxuyana se dividiram abruptamente, em 1968, quando parte do grupo se transferiu para o Paru de Oeste. Contrariamente, ao atual processo de fusão entre os Kaxuyana e seus novos vizinhos do Paru ou no Nhamundá, para os povos do Mapuera e regiões vizinhas, os processos de fusão ocorriam desde o início deste século.

Na questão das relações intertribais, falta nesta versão preliminar uma série de "box" sobre a situação dos povos indígenas do outro lado da fronteira: os Waiãpi e os Wayana, na Guiana Francesa, os Tiriyo, no Suriname e os Waiwai, na Guiana. Com estes


..... 1 ..... 2 ..... 3 ..... 4 ..... 5 ..... 6 ..... 7

Índios, os grupos que vivem no lado brasileiro continuam mantendo contatos frequentes. A questão da terra, no item "situação atual das terras", é ainda incompleta na maioria dos capítulos: assim faltam informações sobre a recente demarcação das áreas do Uaçá (decreto, extensão exata, mapa, traçado da BR 156) e os projetos a serem implantados na área do Mapuera-Nhamundã (hidrelétrica do Trombetas, área de inundação, localização das empresas de mineração, etc.).

A pesquisa continua neste sentido, devendo ser estabelecidos novos contatos com especialistas destes assuntos, e obtendo-se informações recentes, como o relatório de Sebastião Amâncio sobre a área do Mapuera.

Finalmente, outra discrepância entre os capítulos decorre do número de colaboradores para cada povo; a região norte do Amapá é a única em que os próprios índios foram colaboradores através de fichas-padrões e que serão consultados na discussão desta versão preliminar.

8 Sobre a Bibliografia e Fontes

9 Na bibliografia indicada ao final de cada capítulo desta versão, constam unicamente as fontes citadas no capítulo. Na versão definitiva serão incluídos outros títulos, citados na bibliografia geral e que constituem fonte de informação sobre os respectivos povos indígenas.

11 A bibliografia geral (em preparo, circulará em meados de outubro) encontra-se ainda incompleta, devendo ser acrescentados os trabalhos a serem utilizados na redação da introdução, assim como fontes relativas aos grandes projetos econômicos implantados ou previstos na região.

13 Nas fontes de cada capítulo também será incluída uma relação das coleções etnográficas existentes para cada povo, indicando: localização (museu), data e nome do coletor, número aproximado de objetos e, quando for possível, avaliação da coleção.

15 No levantamento das coleções etnográficas faltam ainda informações importantes de grandes museus brasileiros, como o Museu Nacional, Museu do Índio e Museu Paulista. Fazendo-se um rápido balanço constata-se que a maior parte das coleções dos povos deste volume encontra-se no exterior; foram coletadas, desde o século passado até a década de 60, aproximadamente, e comportam número importante de objetos. Nos museus brasileiros as coleções são em geral mais recentes e incompletas. (Dominique Gallois, 01.10.82).

18 Fazendo um balanço de material fotográfico que temos atualmente disponível no arquivo do Levantamento para viabilizar a publicação do volume do Amapá/Norte do Pará, o que podemos concluir, de início, é que ele ainda é bem insuficiente. Descrevemos rapidamente a seguir suas principais lacunas e os contatos que ainda serão feitos neste período de discussão da primeira versão e fechamento para tentar supri-las.

20 O material fotográfico mais rico do volume é sobre os grupos Waiana e Aparai porque conta com material de várias épocas: desde gravuras do século passado, as fotos de José


..... 1 ..... 2 ..... 3 ..... 4 ..... 5 ..... 6 ..... 7 .....

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20

Cândido de Carvalho e Protásio Frickel da década de 50 e de mais quatro pesquisadores (Reneé Fuerst, Daniel Schoepf, Lucia Hussak e Dominique Gallois) que visitaram o grupo recentemente, além de fotos das agências Fôlha de São Paulo e O Globo.

No caso Waiãpi é possível fazer uma boa edição fotográfica com material de um número bem reduzido de fontes, 2 pesquisadores (Lúcia e Dominique) além de umas gravuras de Grevaux.

Para os Tiriyo o material é o seguinte: além das fotos da coordenadora do volume temos algumas das agências O Globo e Manchete, o material de O Cruzeiro de 1968 e do fotógrafo Henri Stahl sobre a missa entre os Tiriyo. Pretendemos ainda contactar os pesquisadores Roberto Cortez (que está também de posse do material do Protásio Frickel sobre estes índios) e Expedito Arnaud que não só devem ter material pessoal como poderão indicar fontes alternativas.

Dos grupos do Norte do Pará o material que ainda é insuficiente é sobre os Kaxuyana (temos 2 únicas fotos-retrato de Reneé Fuerst) e Wai-wai, dos quais só temos as fotos de Neil Fock e Jeans Yde que são da década de 50. Tentámos sem sucesso contactar o pesquisador Luis Boglard que certamente teria fotos dos Wai-wai da Venezuela dos anos 60 que são justamente aqueles que se encontram no Brasil atualmente. Estamos iniciando um contato com o Dr. Ângelo Machado da SBPC que visitou os Wai-wai no ano passado. Para localizar mais material sobre o norte do Pará estamos tentando contactar o Brigadeiro Câmara que sem dúvida é um bom conhecedor da região.

No que diz respeito aos grupos do Amapá (Palikur, Galibi e Karipuna) por assim dizer ainda falta tudo: o que temos atualmente consiste nas fotos do Pe. Nello Rufaldi que é um colaborador que mais conhece esta região e alguns do Dr. João Paulo Botelho. Fora isso temos algum material antigo sobre os Galibi mas é só (gravuras do Grevaux e alguns retratos no livro Índios Do Brasil de Rondon). Devido à carência tão grande de material pretendemos, por ocasião de nossa visita a Belém antes do fechamento do volume, rever o Pe. Nello seu material porque certamente haverá mais algumas fotos importantes para o Levantamento. Por outro lado pesquisadores do Museu Goeldi, como o Prof. Expedito Arnaud, serão procurados além de se fazer necessário uma visita a estes grupos tanto para complementação final de dados como para fotografar. (Vincent Carelli, 04.10.82).
